

Pacote vai e volta entre Palácio e Senado

Brasília — Gláucio Dettmar

A surpreendente e pomposa forma que o presidente Fernando Collor de Mello empregou para fazer pessoalmente a entrega do calhamizo de medidas econômicas no Senado, fazendo-se acompanhar do ministério, por pouco não se transforma em frustração. As medidas só foram conhecidas pelos parlamentares sete horas depois da cerimônia, o que gerou protestos e muitas especulações.

Alegando "erros técnicos", a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, recolheu o pacote 15 minutos após a entrega solene. Além disso, ela deixou de cumprir a promessa feita no gabinete do presidente do Senado, Nélson Carneiro, de que até as 14h30 os líderes de todos os partidos receberiam, em seus gabinetes, o texto integral das medidas, para que não fosse necessário aguardar a impressão dos avulsos bo **Diário Oficial**.

O plano só foi entregue na secretaria-geral da Mesa do Senado às 15h30, e ali mesmo foram providenciadas cópias xerox de todos os atos para cada um dos líderes partidários, que só os receberam depois das 17h30, portanto sete horas após a ida de Collor ao Congresso.

Os parlamentares ficaram atordoados durante toda a tarde. Diante dos aparelhos de televisão, eles procuravam obter maiores informações sobre as medidas baixadas pelo presidente Collor. Enquanto as cópias não chegavam, deputados e senadores, reunidos nos gabinetes dos líderes de bancada, especulavam sobre os motivos que teriam levado a ministra Zélia Cardoso de Mello a recolher o pacote.



Collor entregou medidas a Nélson e pediu aprovação

"Aí só pode ter coisa", suspeitou o deputado Miro Teixeira (PDT-RJ). "Louvaram tudo de volta, ficaram de mandar outra vez e não fizeram isso até agora. A cada momento crescem mais as especulações de que tudo poderá estar de volta com a utilização da lei Delegada", comentou o senador Mário Covas (PSDB-SP).

"Mais importante do que a presença do presidente aqui eram as medidas, e isso ninguém viu", reclamou, por volta de meio-dia, o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP). "Collor veio ao Con-

gresso dar uma demonstração de que sabe correr, de que é bom de cooperar. Entrou correndo e saiu correndo".

Pompa — Eram 10h30 quando o presidente e seus ministros entraram no Congresso, provocando furor. Àquela altura, a boataria e um volume considerável de informações desencontradas que circulavam pela Câmara e Senado já mexiam com os nervos de muitos parlamentares. Houve uma grande corrida ao gabinete do presidente do Senado e do

Congresso, senador Nélson Carneiro, onde as medidas foram entregues perante políticos de quase todos os partidos. Os parlamentares da esquerda — PT, PDT, PSB, PCB e PC do B — não foram à solenidade, mas procuraram o senador Nélson Carneiro depois, para obter informações.

No gabinete de Nélson Carneiro, como tem feito repetidas vezes nos últimos dias, o presidente Fernando Collor lembrou que já pertenceu "à 'casa'" (foi deputado federal de 1983 a 1986) e disse estar convicto de que "o Congresso não deixará de dar sua cooperação e solidariedade em momento tão difícil para o país".

"É indispensável a participação do Congresso para que o país possa sair dessa grave crise", disse Collor, ladeado por Nélson Carneiro e pelo presidente da Câmara, deputado Paes de Andrade.

Nélson Carneiro, por seu lado, garantiu que os parlamentares serão sensíveis aos interesses da sociedade. Ele recebeu o pacote econômico das mãos da ministra Zélia Cardoso de Mello. Depois da entrega, o presidente Collor retornou ao Palácio do Planalto. Sua assessoria informou, no início da noite, que as medidas haviam sido retiradas porque, por erro do cerimonial, tinham sido entregues os originais dos documentos, quando de praxe o Congresso recebe cópias. Segundo os assessores do Planalto, a nova entrega foi feita às 14h35, mas o secretário-geral da Mesa do Senado, Neurione Cardoso, garantiu só ter recebido tudo às 15h30m.